

## As melhores

O editor-assistente **Olívio Tavares de Araújo** e o crítico **Roberto Marinho de Azevedo** selecionaram, para **VEJA**, as dez melhores exposições de 1975.

**ANTÔNIO HENRIQUE AMARAL** (Galeria Bonfiglioli, São Paulo) — De volta de Nova York, onde viveu dois anos, o paulista Amaral, 40 anos, apresentou em março o balanço de sua produção no exterior. Sempre fiel a seu tema — bananas —, ele as colocou, desta vez, metafórica e significativamente violentadas por garfos e facas, no "campo de batalha" (título da série) dos pratos.

**MANABU MABE, RETROSPECTIVA** (Museu de Arte de São Paulo) — Ao longo de sua trajetória, Mabe, 50 anos, conheceu tanto a glória absoluta como, ultimamente, um certo desfavor crítico. Sua retrospectiva em abril, porém, reafirmou o brilho e vigor que ele inegavelmente atingira, no ponto mais alto da carreira.

**LASAR SEGALL** (Galeria Vernissage, Rio) — Um dos nomes capitais do modernismo brasileiro, Segall (1891-1957) já mereceu vastas retrospectivas, no Rio e em São Paulo. Sem maiores ambições, esta mostra (em abril) acabou reunindo trabalhos de bom nível, acrescidos de uma rara vantagem: a de estarem à venda.

**RUBEM VALENTIM** (Fundação Cultural do Distrito Federal, Brasília) — De invejáveis tenacidade e ousadia, o baiano Valentim, 53 anos, marcou sua posição por ter conseguido conciliar uma linguagem de fundamentos brasileiros (retirada dos símbolos do candomblé) com a abstração geométrica internacionalizante. Em Brasília, onde mora, ele reuniu em maio mais de 200 trabalhos. Além da lição de coerência, verificou-se que o artista soube se renovar, usando a assimetria nas obras recentes, e escapando da redundância.

**FRANZ WAISMANN** (Galeria Arte Global, São Paulo) — Nascido na Áustria, em 1910, Waismann tornou-se, no Brasil, um fervoroso adepto da arte construtivista — e um escultor de sóbrias intenções. Depois de uma fase quase "minimalista", revelou, em maio, sua colorida, viva e jovem etapa atual.

**MILLÔR FERNANDES** (Galeria Graffiti, Rio) — Superior às distinções entre artista ou humorista, Millôr mostrou-se, em sua mostra de junho, sobretudo um inquietante perguntador. Servidos por excelente técnica, seus desenhos reviram ou criticaram idéias e conceitos, constituindo-se numa espécie de excitante ginástica do espírito.

**SÉRGIO CAMARGO** (Museu de Arte Moderna e Galeria Luís Buarque de Holanda, Rio, e Galeria Arte Global, São Paulo) — Outro adepto do constru-

tivismo, o escultor carioca **Sérgio Camargo**, de 45 anos, desenvolveu em meados de 1975 intensa atividade. Em todas suas exposições demonstrou as mesmas qualidades que já o haviam notabilizado quando morava na Europa: equilíbrio, limpidez e aguda inteligência visual.

**MARIA BONOMI** (Galeria Cosme Velho, São Paulo, e Galeria Bonino, Rio) — Sempre ativa e inquieta, a gravadora Maria Bonomi, 40 anos, exibiu em setembro duas séries de obras realizadas sob o influxo de viagens à Transamazônica e à China. Em ambas, Maria trabalhou com dimensões monumentais, conferindo à gravura o status de uma linguagem comparável à pictórica.

**VOLPI, RETROSPECTIVA** (Museu de Arte Moderna, São Paulo) — Aos 79 anos, o mais importante artista vivo do país, exibiu, em outubro, a sapiência de sua produção já conhecida e sua superioridade às contingências. Afinal, quase octogenário, em pintura Alfredo Volpi permanece acima da idade.

**PANORAMA DE ARTE ATUAL BRASILEIRA** (Museu de Arte Moderna, São Paulo) — Inaugurada em novembro, a mais bem organizada mostra coletiva do país dedicou-se, em 1975, à escultura e ao objeto, duas categorias pouco vistas e nada estudadas. Além de algumas presenças de qualidade, a exposição valeu didaticamente como um eficaz campo de avaliação do setor.